

## **MORTE E VIDA SEVERINA EM HQ: UMA PROPOSTA DE MEDIÇÃO DO TRABALHO COM O “CLÁSSICO” EM SALA DE AULA**

Mestranda Adriana Martins Cavalcante (UFCG)<sup>i</sup>  
Profa. Dra. Naelza de Araújo Wanderley (UFCG)<sup>ii</sup>

### **Resumo:**

*Sabe-se da necessidade de se desenvolver a escolarização da literatura numa perspectiva de incentivo à prática da leitura literária em sala de aula, de forma humanizadora, crítica e reflexiva. Desse modo, este artigo aborda a importância da formação de leitores no contexto escolar, partindo do estudo da obra **Morte e Vida Severina em quadrinhos**, evidenciando uma possibilidade de mediar a leitura da obra de maior êxito popular de João Cabral de Melo Neto, a partir do seu processo de retextualização. Tal estudo se fundamenta em uma pesquisa de caráter bibliográfico, tendo como suporte teórico ideias propostas por Colomer (2007), Cosson (2009), Soares (2001), Marcuschi (2010), Dell’Isola (2007), Nunes (2007), entre outros.*

**Palavras-chave:** Escolarização da Literatura. Mediação do clássico. Retextualização.

### **1 Introdução**

Muito se tem discutido sobre o adequado processo de escolarização da literatura no âmbito escolar, especialmente quando a proposta é desenvolver o letramento literário. Segundo Soares (2001, p. 47), “adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar.”

Fala-se da necessidade de formar leitores capazes de perceber o valor da literatura, no entanto o que se vê é que, na prática, muitas vezes, o trabalho com a leitura literária restringe-se à decodificação do texto, de forma mecânica, totalmente dissociada do contexto de sua produção e do contexto social do educando. O texto literário acaba sendo utilizado na sala de aula como mero pretexto para exploração de aspectos linguísticos e estruturais, não se respeitando a sua literariedade, o seu valor estético, o seu caráter humanizante e a sua função social.

Defende-se que, através da literatura, o homem expressa o que sente e o que pensa, ou seja, traduz em palavras seus sentimentos e sua visão de mundo, aspectos com os quais o leitor se identifica, sensibilizando-se, humanizando-se, pois se reconhece nos desejos, sentimentos, medos, ideias e na visão de mundo do outro refletida no texto lido.

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização,(...) promovendo o letramento literário. (COSSON, 2007, p.17)

Percebe-se que a experiência com o literário é importante na vida do educando, pois lhe dá a possibilidade de contato com o seu mundo e com o mundo do outro, através da capacidade inventiva das palavras e do compartilhamento de ideias, que transcendem os limites de tempo e espaço.

Há, no campo da literatura, uma diversidade de textos literários, sejam em verso ou prosa,

ricos em qualidade estética, em recursos estilísticos e em abordagem temática. No entanto, é preciso rever as metodologias através das quais as suas leituras estão sendo desenvolvidas em sala de aula.

Faz-se necessário buscar meios de tornar o momento de encontro do educando com o texto literário um instante de prazer e de reconhecimento da capacidade de aprender com satisfação. Sendo assim, é intento deste trabalho abordar a importância da formação de leitores no contexto escolar, partindo do estudo da obra **Morte e Vida Severina em quadrinhos**, evidenciando uma possibilidade de mediar a leitura da obra de maior êxito popular de João Cabral de Melo Neto, a partir do seu processo de retextualização.

## **2 O texto literário e o seu aproveitamento em sala de aula**

A leitura do texto literário é, no âmbito escolar, um dos recursos de que o educador dispõe para estimular a formação de leitores com competência, sensibilidade e criticidade. Entretanto, a forma como esse tipo de texto tem sido apresentado em sala de aula acaba tornando a prática da leitura algo sem relevância para o educando. Em geral, são apresentados textos fragmentados para pura e simples análise linguística ou para exploração de aspectos estruturais, perdendo-se a possibilidade de interação lúdica, de percepção de sua literariedade e de reconhecimento do seu valor social.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. (...) Se esse é o seu ângulo individual, o social decorre dos efeitos desencadeados. O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. (ZILBERMAN, 2008, p.23-24)

Vê-se que a literatura tem o poder de provocar o leitor, aguçando a sua sensibilidade e imaginação, além de lhe permitir acionar o seu senso crítico, fazendo-o refletir sobre a sua realidade e incorporá-la a experiências inovadoras, desenvolvendo, portanto, a sua competência leitora.

Mas, para que isso ocorra, é importante destacar a relevância da mediação pedagógica no processo de escolarização da leitura literária. Sobre esse aspecto, Moura e Martins (2012, p. 88-89) defendem que

O trabalho de mediação de leitura exige a compreensão da leitura como uma atividade social, dinâmica que exige do leitor, além de conhecimentos linguísticos, experiências de mundo para processar as informações contidas no texto. (...) Percebemos a preeminente necessidade de a escola mudar o foco atual: deixar de considerar o ato de ler como atividade mecânica e de responsabilidade individual, para assumir a leitura como uma atividade em que alunos e professores sejam sujeitos ativos e colaborativos.

Por essa via, a leitura literária passa a ser encarada como uma atividade social, dinâmica e prazerosa através da qual o leitor/educando se identifica com o que lê na sua dimensão humana e não simplesmente como uma obrigação escolar para enfatizar questões linguísticas ou reconhecer valores estéticos de forma mecânica. O trabalho de mediação da leitura em sala de aula precisa ser realizado de forma dinâmica e colaborativa, de modo que professores e alunos, a cada leitura, interajam, compartilhando experiências e conhecimentos.

Dentre as formas de se trabalhar com a leitura literária, Colomer (2007, p.143) destaca a possibilidade de desenvolver, na prática de sala de aula, a leitura compartilhada, afirmando que

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Percebe-se o quão é importante interagir com o outro no processo de leitura, pois há o benefício de partilhar de conhecimentos, de competências, facilitando a construção de sentido e contribuindo para que o leitor tenha mais segurança, sinta mais prazer e experimente a dimensão humana e socializadora da literatura.

### **3 Explorando a retextualização como instrumento de mediação do trabalho com o clássico literário**

Obras que se tornaram, ao longo do tempo, referência para a literatura brasileira passaram a ser consideradas “clássicas” e ocupam um papel de destaque no ensino da literatura. Desse modo, considerando a relevância que o contato com esses textos tem, no contexto escolar, o trabalho com a retextualização surge como possibilidade de mediação da prática de leitura literária na sala de aula.

Segundo Dell’Isola (2007, p.36), “a retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem”.

Sendo assim, quando ocorre a reescrita de um texto em uma modalidade ou gênero diferente do texto-base, tem-se o processo de retextualização. Processo este que, ainda segundo Dell’Isola (2007), tem se mostrado como excelente recurso para o trabalho com o gênero. Isto porque a exploração de obras retextualizadas, nas aulas de literatura, considerando a qualidade de sua produção, pode auxiliar no estímulo à prática da leitura literária, pois coloca o educando em contato com a diversidade de gêneros e lhe possibilita aperfeiçoar a sua capacidade de interpretação.

Conforme Marcuschi (2010), há, nas atividades de retextualização, um aspecto, em geral, ignorado, mas de grande importância, o fato de que, antes se fazer qualquer transformação textual, deve ocorrer uma atividade cognitiva denominada *compreensão* (grifo do autor).

Percebe-se, assim, que o acesso a obras retextualizadas permite ao leitor o desenvolvimento mais acentuado da sua capacidade cognitiva de compreensão, tendo em vista que o próprio processo de refacção de um texto exige, de quem o faz, acionar a capacidade de compreensão do texto original, a fim de que possa reelaborá-lo de outro modo, em outra modalidade ou gênero.

Desse modo, trabalhar com a obra retextualizada como mediadora do trabalho com o clássico pode trazer inúmeras vantagens para a prática da leitura em sala de aula. Entre essas vantagens, podem-se citar: i) permite ao leitor o contato com gêneros textuais diferentes; ii) apresenta a versão como recurso para estimular o interesse pela leitura do texto original; iii) instiga a curiosidade do educando; iv) potencializa a capacidade de reflexão e o senso crítico do leitor diante da retextualização e, como conseqüente, do texto fonte; v) esclarece que pode ser feita a refacção de um texto sem que se perca a sua literariedade e a sua função social; vi) valoriza, conforme o tipo de texto e linguagem explorada, o processo de escolarização da leitura literária, considerando os pontos de interesse do educando; e vii) permite conceber a prática da leitura literária com um novo olhar.

Nesse processo de mediação da prática da leitura literária em sala de aula, é indiscutível o papel do professor, como defendem Moura e Martins (2012), de forma que essa experiência de mediação reforça o compromisso com a qualidade de ensino centrado na aprendizagem. Isto porque

permite compreender que, quanto maior a disponibilidade do professor em assumir o papel de mediador do ensino, melhor será o resultado das interações em sala de aula, principalmente no que tange à prática da leitura literária.

#### **4 Morte e Vida Severina: dos Quadrinhos ao “clássico”**

Dentre as várias possibilidades de mediação do trabalho com o clássico literário em sala de aula, esta pesquisa destaca o trabalho com o poema de João Cabral de Melo Neto na sua versão quadrinizada pelo cartunista Miguel Falcão.

Há um preconceito, por parte de alguns, em relação às produções em quadrinhos; no entanto, é preciso considerar que há excelentes textos quadrinizados, o importante é saber escolhê-los. De acordo com Mendonça (2005, p. 194), “é fato incontestável que jovens leitores (e nem tão jovens assim) deleitam-se com as tramas narrativas de personagens diversos, heróis ou anti-heróis, montadas através de recurso de quadrinização”.

Considerando-se, assim, que os textos em quadrinhos exercem um forte poder sobre as crianças e jovens e que, além disso, inúmeros clássicos já foram quadrinizados como forma de incentivo à leitura literária, escolheu-se a obra acima citada pela qualidade de sua composição.

Observem-se, no quadro a seguir, alguns fragmentos das duas versões:

VERSÃO QUADRINIZADA	VERSÃO ORIGINAL
	<p><b>O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI</b></p> <p>- O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias</p>
<p>MELO NETO, João Cabral de. <b>Morte e Vida Severina:</b> Auto de Natal Pernambucano (em quadrinhos). 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão)</p>	<p>MELO NETO, João Cabral de. <b>Morte e Vida Severina.</b> In: _____. <b>Morte e Vida Severina e Outros poemas.</b> Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.</p>

No caso da obra **Morte e vida Severina** em HQ, ela é resultado de uma parceria entre o próprio poeta João Cabral, escritor da versão original, e do cartunista Miguel Falcão. O texto fonte foi retextualizado, passando do poema dramático à história em quadrinhos, havendo, portanto, alteração de gêneros, do texto dramático à narrativa, e até mesmo da linguagem, do uso da linguagem verbal à linguagem mista (verbal e não verbal).

No entanto, mesmo com tais alterações, o texto se organiza mantendo a essência do original, sem alterar os quadros, as palavras e as construções sintáticas. Além disso, a denúncia social abordada no poema de João Cabral é a mesma da versão em quadrinhos. Os desenhos associados à sequência narrativa, ainda segundo Mendonça (2005, p. 207), “funcionam como recursos didáticos poderosos, tornando tanto mais acessíveis quanto mais ‘palatáveis’ tópicos complexos, com os quais os professores têm dificuldade na prática docente.”

Vê-se que, no caso da versão quadrinizada, Miguel Falcão deu ao texto de João Cabral a sua interpretação, ilustrando-o através de desenhos em nanquim, sem qualquer colorido, para sugerir a aspereza do tema defendido na obra, construindo imagens que são verdadeiras metáforas visuais. Ou seja, nessa versão, a sequência narrativa alia-se às imagens como forma de enriquecimento e de esclarecimento da mensagem do texto-base.

De acordo com o que defende Soares (2001), se a necessidade de escolarizar torna inevitáveis as transformações do texto literário, é, porém, necessário que sejam respeitadas as características essenciais da obra literária, de forma que não sejam alterados aqueles aspectos que constituem a literariedade do texto.

O contato com a versão quadrinizada possibilita instigar a curiosidade do educando em ter contato com o texto original, um poema dramático, com fortes influências da literatura popular, a exemplo de linguagem próxima da oral, predominância de versos redondilhos, utilizando, inclusive, a reiteração de palavras e até mesmo de versos inteiros.

Sabe-se que o poema **Morte e Vida Severina** é considerado a obra mais popular e social de João Cabral de Melo Neto, cuja produção literária centra-se no objeto, é avessa ao subjetivismo e ao confessionalismo, é contida e possui economia verbal. É uma obra de cunho regionalista, de ênfase sociológica, e que tem inspiração nos autos pastoris medievais ibéricos, evidenciando uma perspectiva teatral, destinada à encenação. Apresenta como subtítulo Auto de Natal Pernambucano, tendo em vista estruturar-se na forma de um auto, peça teatral de caráter breve aos moldes da literatura medieval.

Tanto nos quadrinhos quanto no poema dramático, a expressão “Severina” deixa de ter como correspondente o nome próprio do personagem e passa se constituir um adjetivo que qualifica a vida de miséria e de sofrimento de tantos nordestinos. Além disso, é importante destacar que o poema

tem ambivalência de estrutura: *narrativo*, quanto ao encadeamento e ao caráter episódico das cenas que o compõem, e *dramático*, quanto ao caráter geral da ação que se desenrola nessas cenas. Cabe ao personagem a iniciativa de começar o relato de sua história, cujo desenvolvimento apresentado em quadro sucessivos, precedidos de entretuchos narrativos que descrevem antecipadamente um acontecimento ou uma situação, produz-se sob diversas formas: monólogos, diálogos, lamentos e elogios. (NUNES, 2007, p. 61)

Na construção do poema **Morte e vida Severina**, o poeta utilizou-se de aspectos estruturais que se associam tanto ao caráter de narrativa, quando se observa o encadeamento de cenas que compõem um verdadeiro enredo, como também ao caráter de texto dramático, considerando que ele foi escrito para representação em público. O texto apresenta acontecimentos produzidos sob a

forma de monólogos, diálogos, lamentos e celebrações, dividindo-se em 18 quadros (atos), e cada quadro apresenta um título específico. Tais quadros são, inclusive, mantidos no texto em HQ.

Ainda segundo Nunes (2007, p. 62), a construção rítmica do poema

se perfaz em dois movimentos simétricos, nos limites da oposição entre morte e vida compreendida pelo próprio título do auto: o da viagem de Severino até o Recife, pesado e sombrio, que corresponde à morte; o do outro auto natalino, leve e alegre, que corresponde à vida.

Vê-se, portanto, que o próprio título da obra caracteriza-a, aspecto abordado por Secchin (2003), quando considera que esta obra registra o combate entre forças vitais e o impulso à destruição que convivem no herói da história. Severino, o protagonista do enredo, foge do sertão para a região litorânea de Pernambuco, em busca de melhores condições de vida, deparando-se, seguidas vezes, com paisagens em que a morte é uma constante, devido às injustiças sociais que marginalizam camponeses nordestinos, como o próprio Severino. Ao desistir da própria vida e caminhar em busca da morte, é o nascimento de uma criança, “símbolo de resistência”, que nele faz ressurgir a esperança na vida, mesmo sendo ela uma “vida Severina”.

Partindo do estudo da retextualização em quadrinhos para se chegar ao poema dramático, é possível perceber os pontos de encontro entre as duas versões, observando-se os traços inalterados, bem como as modificações ocorridas no seu processo transformacional. E, de acordo com a(s) estratégia(s) selecionada(s) pelo professor, para exploração da versão retextualizada, em sala de aula, como forma de mediação do trabalho com o “clássico”, os resultados podem ser os mais proveitosos. Isto porque, na leitura da versão em quadrinhos, seguida da leitura do texto original, o professor consegue, entre outros aspectos: i) instigar a percepção visual dos alunos, na relação texto e ilustração; ii) discutir questões sociais inerentes ao contexto de produção da obra e à realidade do próprio aluno; iii) possibilitar ao educando o contato com a diversidade de gêneros nas práticas de leitura literária; e iv) auxiliar no aprimoramento da capacidade de interpretação a partir do contato com diferentes tipos de linguagem.

## **5 Conclusão**

Cabe ressaltar que um trabalho mais produtivo com o texto literário em sala de aula pressupõe estratégias didáticas condizentes com uma proposta de mediação significativa adotada pelo professor, de forma a potencializar a construção do conhecimento, estimular a sensibilidade e a fruição do gosto. O encontro do educando com a literatura deve ocorrer de forma que ele possa concebê-la, na sua dimensão artística e social, como instrumento de acesso ao poder inventivo das palavras e à descoberta de novos horizontes, de diferentes maneiras de perceber o mundo à sua volta.

Assim, o contato com a literatura permite ao leitor viajar por caminhos diversos, confrontar ideias, sensibilizar-se frente ao que lê e refletir questões sociais de épocas diversas e que, muitas vezes, repetem-se no contexto social do próprio educando. Desse modo, faz-se necessário que o professor mediador desenvolva, em sala de aula, práticas de leitura que se adequem ao processo de formação de leitores críticos e, ao mesmo tempo, sensíveis à beleza estética, numa perspectiva de promoção do letramento literário.

Em suma, é preciso estimular o encontro do educando com o literário, oferecendo-lhe possibilidades de aprimorar o seu senso crítico, mergulhar na capacidade inventiva das palavras, interagir com outras visões de mundo, identificar-se naquilo que lê e, sobretudo, experienciar a força humanizante da literatura.

## Referências Bibliográficas

- 1] COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- 2] COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.
- 3] DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização dos gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- 4] MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- 5] MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina. In: \_\_\_\_\_. **Morte e Vida Severina e Outros poemas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- 6] \_\_\_\_\_. **Morte e Vida Severina: Auto de Natal Pernambucano (em quadrinhos).** 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão)
- 7] MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- 8] MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola, 2012. (Estratégias de ensino; 30)
- 9] NUNES, Benedito. **João Cabral: a máquina do poema.** Org. e prefácio de Adalberto Müller. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. (Coleção Letras & Ideias)
- 10] SECCHIN, Antonio Carlos. Uma introdução a João Cabral. In: MELO NETO, João Cabral. **Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto.** Seleção de Antonio Carlos Secchin. 9. ed. São Paulo: Global, 2003. (Melhores poemas; 17)
- 11] SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- 12] ZILBERMAN, Regina. Sim, a Literatura educa. In: \_\_\_\_\_.; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto.** 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

---

<sup>i</sup> Adriana Martins CAVALCANTE, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: adrianam.cavalcante@hotmail.com

<sup>ii</sup> Naelza de Araújo WANDERLEY, Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: naelzanobrega@ig.com.br